

## Letramento literário, discurso e vozes sociais no gênero poema

*Literary literacy, discourse and social voices in the poem genre*

José Claudio Gomes Dantas<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil*

Janaina Tomaz Capistrano<sup>2</sup>  
*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil*

**Resumo:** Os estudos analíticos realizados a partir do gênero poema têm se mostrado uma grande contribuição para a área, bem como sido palco de muitas discussões em pesquisas no espaço acadêmico. Nesse sentido, esse estudo acrescenta ao acervo já existente uma discussão que busca compreender o eixo axiológico que atravessa a materialidade discursiva dos poemas com base na identificação e análise das vozes sociais que tensionam discursivamente os textos selecionados. Ademais, com base nesse diálogo, pretende-se apresentar um roteiro de leitura dos poemas “Ando no tempo da língua de alguém”, “O ritmo” e “Poema gay” da Antologia gay (2017), de Machado e Moura para o ensino de literatura cooperando com a teoria do dialogismo do Círculo bakhtiniano (2011; 2015; 2016; 2018), utilizando a prática de letramento literário de Cosson (2020) como percepção da literalidade do texto e dos recursos de expressão do uso estético da linguagem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica norteada pela noção do Círculo e do letramento literário de que uma possível análise literária parte dos elementos estéticos que estruturam o texto aliada ao uso social da linguagem, a qual é atravessada por posicionamentos ideológicos. Os resultados deste estudo dialógico apontam para o reconhecimento e a análise dos posicionamentos axiológicos a partir das vozes sociais representadas em cada um dos poemas. Portanto, a partir deste estudo, compreendemos que a leitura do texto não canônico acolhe as vozes sociais, contemplando a literatura periférica enquanto um espaço relacionado às identidades e ao direito à existência social plena.

**Palavras-chave:** Gênero poema. Vozes sociais. Dialogismo. Letramento literário.

**Abstract:** Analytical studies carried out from the poem genre have shown to be a great contribution to the area, as well as being the scene of many discussions in research in the academic space. In this sense, this study adds to the existing collection a discussion that seeks to understand the axiological axis that crosses the discursive materiality of the poems based on the identification and analysis of the social voices that discursively tension the selected texts. In addition, based on this dialogue, it is intended to present a script for reading the poems “I walk in the time of someone's language”, “The rhythm” and “Poema gay” from the Gay Anthology (2017), by Machado and Moura for teaching of literature cooperating with the theory of dialogism of the Bakhtinian Circle (2011; 2015; 2016; 2018), using Cosson's literary literacy practice (2020) as a perception of the literality of the text and the expression resources of the aesthetic use of language. Methodologically, this is a bibliographic research guided by the notion of the Circle and literary literacy that a possible literary analysis starts from the aesthetic elements that structure the text allied to the social use of language, which is crossed by ideological positions. The results of this dialogical study point to the recognition and analysis of axiological positions from the social voices represented in each of the poems. Therefore, from this study, we understand that reading the non-canonical text welcomes social voices, contemplating peripheral literature as a space related to identities and the right to full social existence.

<sup>1</sup> Aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - com área de concentração em Estudos em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [josedantas21@gmail.com](mailto:josedantas21@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem - com área de concentração em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [janaina.capistrano@ifrn.edu.br](mailto:janaina.capistrano@ifrn.edu.br).

**Keywords:** Poem genre. Social voices. Dialogism. Literary literacy.

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano sempre necessitou usar a linguagem para se comunicar com seus pares. Nesse processo de intimidade, ele se utiliza da língua como um meio que possibilita a sua inserção em variadas esferas sociais. Nessa seara de agir incessantemente, a literatura, enquanto uma manifestação da linguagem, não é apenas um espaço de deleite, mas permite ao leitor um ambiente de possibilidades por meio dos textos canônicos ou não, assim como em espaços diversificados como o ciberespaço e as redes sociais. Dessa maneira, a literatura rompe com a visão tradicionalista dos formalistas russos, abrindo arestas para discussões com a Filosofia, Psicanálise, História e Sociologia, entre outras áreas do conhecimento.

Diante disso, as relações que a literatura mantém com a sociedade e os sujeitos deixa clara que a literatura não é uma simples “moldura na qual colocamos a linguagem” (CULLER, 1999, p. 34) ou apenas o emprego de frases difíceis e bem elaboradas, mas um espaço aberto de discussões que pode ser norteado pela proposta de abordagem da relação entre a literatura e os estudos culturais. Nesse sentido, é preciso que os leitores literários percebam que esse espaço é amplo e que necessita da ampliação do mundo e dos horizontes de expectativa em relação aos textos. Portanto, devemos compreender que a leitura literária acontece naturalmente quando desenvolvido o letramento literário.

“Ao ler, estou abrindo uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro” (COSSON, 2020, p. 27). Nas palavras do autor, o conceito de letramento literário pode ser compreendido como um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, um ato contínuo de algo de que se movimenta e jamais se fecha (COSSON, 2020). Desse modo, quando pensamos em obras e autores, pensamos-nos como espaços dialógicos que se estruturam a partir de laços sociais fortes ou fracos a depender da interação e visibilidade que legitimam os discursos propagados tanto pelas próprias personagens quanto pelos autores. Assim, a linguagem utilizada por esses laços está pautada em aspectos sociais, culturais, históricos e de tradição, ou seja, um signo ideológico, um reflexo da realidade e um fragmento material dessa realidade concomitantemente, isto é, um fenômeno do mundo exterior (BAKHTIN, 2011).

Nesse sentido, um dos espaços mais corriqueiros e que tem grande acesso ao público é o da literatura não canônica. Sabendo disso, pensar a literatura LGBTQIA+ enquanto espaço de luta e resistência, de revelação de vozes sociais é, sobretudo, pensar a relação entre literatura e ensino. Isso porque, especificamente os poemas publicados durante a segunda metade do século XX caracterizam-se a partir de um variado repertório de assuntos, indo de denúncias à intolerância e homofobia a silenciamentos do modo de ser de *gays*, lésbica e pessoas trans (RUBIN, 2017).

Assim, devido a essa complexidade de identidades que explodem o binarismo e, conseqüentemente, com ele, confronta a hierarquia do masculino sobre o feminino, os

discursos de afetos *queer* devem ser colocados em primeiro plano e não apenas em segunda instância como também considerados de igual para igual a outras questões sociais em face da grande gama de políticas que esses textos disseminam (PRECIADO, 2014).

Com isso, no campo das possibilidades, a leitura literária se configura como um jogo simbólico aberto à expansão dos horizontes de expectativa dos leitores. A partir disso, essa pesquisa possui como *corpus* os poemas “Ando no tempo da língua de alguém”, de Alessandra Safra, “O ritmo”, de Francisco Bittencourt e “Poema gay”, de Glória Horta disponíveis em *Poesia gay brasileira: antologia* (2017), de Machado e Moura sob o viés da teoria bakhtiniana.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é compreender o eixo axiológico que atravessa a materialidade discursiva dos poemas, com base na identificação e análise das vozes sociais que tensionam discursivamente os textos selecionados. Para alcançarmos esse objetivo, apresentamos um roteiro de leitura dos poemas para o ensino de literatura sob o viés bakhtiniano, “Ando no tempo da língua de alguém”, “O ritmo” e “Poema gay”, utilizando a prática de letramento literário como percepção da literalidade do texto e dos recursos de expressão do uso estético da linguagem.

Metodologicamente, partimos do conceito de pesquisa enquanto um processo racional e sistemático que objetiva apresentar respostas aos problemas propostos (GIL, 2017). Assim, este estudo trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e qualitativa de caráter discursivo à luz da teoria bakhtiniana e do letramento literário do *corpus*, pois, preconizamos o uso social da linguagem e das questões ideológicas que, de certo modo, carrega em seu interior um elo com os métodos criativo e recepional (BORDINI & AGUIAR, 1993).

Portanto, essa pesquisa se justifica por meio de três esferas: pessoal, acadêmica e social. Na esfera pessoal, a escolha do *corpus* da pesquisa e da perspectiva teórico-crítica resultou do fato dos poemas apresentarem pontos de aproximação em forma, material e conteúdo; já na esfera acadêmica, o fato de o poema poder ser analisado a partir do viés bakhtiniano possibilita uma leitura analítica e discursiva; por fim, na esfera social, essa pesquisa reverbera discursos de resistência e lugar de fala a partir da concepção dialógica da linguagem.

Diante do exposto, o presente artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, o “Referencial teórico”, discutimos a teoria bakhtiniana e do letramento literário; em seguida, apresentamos a “Análise do *corpus*”, espaço onde teoria e texto *corpus* se relacionam a fim de apontar os caminhos possíveis de uma leitura literária; após isso, destacamos as “Considerações finais” a fim de inferir uma visão a respeito dos textos escolhidos, bem como enriquecer a fortuna literária aqui discutida; por fim, apresentamos todas as “Referências” necessárias à realização desta pesquisa.

## **2 A RELAÇÃO ENTRE BAKHTIN, O LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Nessa pesquisa, torna-se tendencioso pensar a análise dos poemas escolhidos, não, deixando claro alguns conceitos inerentes à sua compreensão. Esses conceitos se desdobram a partir de dois vieses que se entrelaçam e dialogam de modo que o leitor compreende a necessidade do aporte teórico elencado.

## 2.1 BAKHTIN: ALGUNS CONCEITOS

No limiar da existência da humanidade, o homem teve contato com a arte e desde então mantém-se conectado a ela por meio de diversas maneiras. Seja pela pintura, escultura, música, dança, mas, sem dúvidas uma das mais importantes representações artísticas que prendem a atenção do sujeito é a literatura. A partir da literatura, o homem consegue se conectar consigo e com o outro, experimentar as sensações que os textos (orais e escritos) transmitem como também se autoconhecer. E isso é possível graças a sua capacidade de comunicação com o outro por meio da linguagem.

No tocante a isso, não podemos falar de linguagem sem pensar em interação humana, para tanto, é pensá-la a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin. Nesse sentido, iniciamos essa discussão tomando por norte os estudos de Carlos Alberto Faraco sobre o Círculo na obra *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin* (2009) que nos norteia sobre alguns conceitos importantes da teoria de Bakhtin – no nosso caso, linguagem, signo ideológico e vozes sociais.

Formado por um grupo distinto de estudiosos que possuíam em comum o desejo e prazer de discutir aspectos filosóficos e o debate de ideias, o Círculo era composto pelo filósofo Kagan, o biólogo Kanaev, a pianista Yudina, o professor Pumpianski e, sem sombra de dúvidas, os nomes que mais nos interessam nessa pesquisa – Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev. Ao falar nos três últimos nomes citados, destacamos o seu interesse e engajamento com os estudos sobre a linguagem que, certamente, fornece-nos base teórica para discussão sobre signo ideológico e vozes sociais (FARACO, 2009).

Para Bakhtin (2011, p. 341), “Ser significa ser para outro e, através dele, para si”, ou seja, o sujeito é duplo, pois, a um só tempo ele é individual e coletivo, capaz de formular discursos em um espaço-temporal contínuo pertencente à linguagem; logo, esse sujeito é capaz de falar e ouvir, isto é, comunicar-se a partir de enunciados. Nesse sentido, a língua/linguagem para Bakhtin (2015) é um constructo semiótico-ideológico porque não descarta aspectos inerentes à forma, como também é visão de mundo (cosmovisão), uma vez que o filósofo russo não separa conteúdo da forma, materializando as estruturas linguísticas a partir desse constructo. Assim, é possível compreender espaços, tempos e situações em que se encontram as obras de arte a partir da linguagem, ou seja, podemos compreender o processo de produção, apreciação e recepção dessas obras. Portanto, podemos compreender as entrelinhas dos textos, os discursos de narradores e personagens sob o viés duplo da linguagem (interno e externo), bem como as escolhas feitas pelos autores.

Nesse sentido, a linguagem para Bakhtin perpassa os sujeitos e se configura a partir das relações sociais, de modo que, claramente, expõe a língua/linguagem não como um sistema abstrato, isolado e dicotômico, mas sim, como um espaço aberto e inacabado, sem formas normativas (BAKHTIN, 2016). Isso acontece porque o teórico russo apresenta o enunciado como algo jamais individual ou monológico, mas sim como um produto da relação entre linguagem e contexto (social e histórico), um ato da comunicação social, sendo, pois, uma unidade real do discurso proferida durante a interação verbal (BAKHTIN, 2016). Assim, o teórico russo estabelece a análise formal-ideológica do enunciado e a compreensão da linguagem enquanto dialógica.

Diante disso, o autor concebe a palavra como um signo ideológico germinado das relações sociais que envolvem a compreensão e a interpretação dos sujeitos sociais, sendo exteriorizado a partir das palavras ou de outro mecanismo do discurso interior. Nesse sentido, o signo ideológico é, sem dúvidas, uma espécie de encarnação material que se materializa a partir do som, da massa física, da cor, do movimento corporal ou qualquer outra coisa (VOLÓCHINOV, 2018). Ou seja, o signo ideológico é um produto vivo e mutável, pois sempre abrirá espaço para a fala do outro por ser um fragmento materializado da realidade. Assim, ao utilizarmos a língua/linguagem, podemos afirmar que a efetuamos em forma de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos que transcendem de diversas e variadas esferas da atividade humana, dialogando com todos os outros enunciados já existentes na cadeia de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016).

Nessa seara, em *(Círculo de Bakhtin) Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, Volóchinov (2018) aponta que o enunciado é uma estrutura social, pois, como tal só se concretiza a partir dos seus falantes. Desse modo, em se tratando do enunciado literário, ele é concebido como a representação de uma dada realidade que se refrata, isto é, ressignifica-se, sobretudo, pela sua construção composicional. Logo, é pertinente trazer à luz dessa discussão o termo ideologia sob a ótica da perspectiva do Círculo a partir da qual todo enunciado é dotado de valor ideológico (FARACO, 2009). Assim, tudo que é ideológico possui um significado, portanto, representa um signo ideologizado.

Diante disso, devemos ressaltar que para Volóchinov (2018, p. 91), “Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social”, reflete e refrata significados para além de sua realidade, pois “onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91). Assim, tudo que é ideológico possui múltiplas significações que são refletidas e refratadas para além de seus limites e possibilidades. Portanto, é possível compreender a realidade social a partir dos signos que possibilitam o reconhecimento de uma pluridiversificação de vozes sociais presentes nos textos e essa pluridiversificação acontece justamente diante de sua relação com a ideologia (VOLÓCHINOV, 2018).

Ao pensar em vozes sociais, devemos ter em mente que elas se materializam por meio da interação verbal dos indivíduos socialmente organizados. É importante ressaltar

que, diante dessa abordagem, o verbete social não é um simples contraste do individual, pois, qualquer que seja o signo, até mesmo o da individualidade, é um signo social (VOLÓCHINOV, 2018). Desse modo, a língua/linguagem, os discursos e os enunciados são penetrados por uma variedade de vozes sociais, diferentes posicionamentos, ideologias, propósitos, aspectos e pontos de vista de sujeitos históricos (VOLÓCHINOV, 2018). Portanto, todas as palavras que circundam a língua/linguagem são consideradas vozes sociais e históricas dentro dos textos, pois, organizam-se a partir de uma harmonia e expressam posições socioideológicas que diferem dos autores e dos discursos de sua época.

Como bem disse Faraco (2009), a língua/linguagem não é tão somente um grupo difuso e variável geográfica, temporal e socialmente, mas um universo atravessado por estratificações e índices sociais discursivos com valores sócio-históricos dos grupos sociais, ou seja, o que chamamos de língua/linguagem é, com exatidão, “um conjunto indefinido de vozes sociais” (FARACO, 2009, p. 57). Portanto, fica evidente que ao analisarmos um texto, independente do gênero, devemos considerar todos os seus aspectos (conteúdo, material e forma) (BAKHTIN, 2010).

Desse modo, é necessário pensar a língua/linguagem enquanto interação comunicativa social permeada por vários estilos representativos e, portanto, indiscutivelmente, podemos separar essa concepção dos conceitos de signo ideológico e vozes sociais, pois, as marcas deixadas por essas categorias representam visão de mundo preenchidas por valores sociais. Nesse sentido, é importante destacar que a partir da relação entre signo ideológico e vozes sociais, Bakhtin (2010), os diversos posicionamentos e visões de mundo que emergem dos enunciados são, na verdade, a axiologia, pois, é na dinâmica da interação entre o eu e o outro que instauramos objetos do discurso, dando-os voz e assentamos o material semiológico, o produto da criação ideológica que está envolto num entorno comunicativo e social.

O signo ideológico é, portanto, sempre social, porque as interações realizadas por meio da linguagem não acontecem no vazio, pelo contrário, estão sempre submetidas à disputa histórica das múltiplas vozes capazes de constituir as relações de poder e posicionamentos no discurso. Assim, o sujeito envolvido apanha esses discursos já valorados de discursos outros, apropriando-se deles e atribuindo-lhes ressignificações em face aos posicionamentos que defende (VOLÓCHINOV, 2018).

Com isso, a partir das formas de expressão que ele exterioriza, o sujeito, penetrado por julgamentos de valores sociais, deixa transparecer que diante de qualquer enunciado, as axiologias são sentidas a partir do todo acabado do enunciado (VOLÓCHINOV, 2018). Logo, a nossa língua/linguagem é dialógica e notamos que nossos discursos estão diretamente ligados aos discursos do outro, sendo preenchidos ideologicamente por vozes sociais. Portanto, compreendemos que essas vozes sociais se movimentam dentro dos textos ao mesmo tempo em que os autores acolhem uma diversidade de linguagens penetradas ideologicamente por valores sociais, históricos e culturais dos grupos sociais.

Dito isso, o próximo tópico apresenta uma discussão sobre o conceito de letramento literário e a formação do leitor, enfatizando a sua importância para com a leitura de textos não canônicos, para tanto, utilizaremos como referentes teóricos nesta discussão, Soares (2001), Mortatti (2004), Cosson (2020), dentre outros.

## 2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DE LEITORES

Sabemos que é impossível falar de letramento isolando o termo de alfabetização, pois, são termos que se entrelaçam e se complementam. Assim, alfabetização e letramento são, respectivamente, o ato de tornar o indivíduo capaz de ler e escrever e, por sua vez, o ato de o indivíduo não apenas saber ler e escrever, mas também fazer uso competente da leitura e da escrita em seu cotidiano e práticas sociais.

Corroborando esse pensamento, na obra *Letramento: um tema de três gêneros* (2001), Magda Soares afirma que a palavra letramento condiz com a ideia de que ao fazermos uso da escrita, estamos lidando com questões sociais, culturais, políticas, etc., ora para o grupo social tal qual foi introduzido, ora pela necessidade de o indivíduo fazer uso. Desse modo, o letramento está diretamente ligado ao ato do indivíduo dominar a partir de sua alfabetização a leitura e a escrita como um resultado desse processo. Portanto, trata-se de uma extensão das técnicas aprendidas durante o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Nesse contexto, é possível afirmar que existem muitos tipos e graus de letramento. A destacar, letramento familiar, letramento religioso, letramento inclusivo, letramento acadêmico, letramento digital, entre outros (MORTATTI, 2004). Esses vários tipos de letramento nos conduz a ideia de multiletramentos, ou seja, as várias atuações sob a perspectiva de diversas situações e espaços. Nesse sentido, se o sujeito está diante de um desses tipos de letramento, ele tende a desenvolver as habilidades necessárias enquanto leitor crítico. Por exemplo, em se tratando do letramento literário, a formação do leitor se dá, comumente, a partir da literatura e seus clássicos.

No que tange ao letramento literário, esse apresenta perspectivas conceituais distintas, sendo uma delas, alfabetizar a partir dos textos literários, colocando a criança em contato com os clássicos, essenciais ao seu desenvolvimento na fase escolar; entretanto, outra perspectiva é a de alfabetizar literariamente, ou seja, utilizando a leitura de maneira crítica, tornando-a parte do cotidiano de vivência dos sujeitos (MORTATTI, 2004).

Em *Letramento literário: teoria e prática* (2020), Rildo Cosson aponta que o letramento literário é uma possibilidade de escolarização da literatura, isto é, de levar a literatura para o interior da escola de modo que ela não perca o seu verdadeiro sentido: humanizar. Não a tornar apenas mais uma disciplina escolarizada, descontextualizada e sem discussão. Uma forma de possibilidade de garantia do seu uso e domínio a partir dos textos literários variados. Portanto, pensar o letramento literário na perspectiva do autor supracitado é concebê-la como parte imprescindível à formação dos sujeitos.

Ainda nesse caminho, precisamos compreender a leitura enquanto um ato solitário e individual, mas no sentido de que por possibilitar diferentes sensações também é caminho aberto para várias interpretações e visões de mundo dos leitores (COSSON, 2020). Nesse sentido, o letramento literário funciona como um objeto social que depende dos sentidos atribuídos por cada leitor, a cada leitura, a depender da situação. Assim, é, portanto, a expressão de enigmas humanos sob o viés de múltiplas perspectivas interpretadas a partir de leituras.

Nessa seara, quando falamos em leituras, logo, vem ao pensamento as grandes obras e autores que formam o cânone da literatura, entretanto, ler vai além disso. É atribuir sentido às coisas, refletir sobre perspectivas, apontar direcionamentos sobre algo já conhecido. Na concepção de Martins (2006), existem três tipos de leitura: a sensorial que abarca o lúdico e a descobertas das coisas, dos sentidos; a emocional que lida diretamente com as nossas emoções e sentimentos; e a racional que está diretamente relacionado ao processamento das informações. Portanto, a leitura vai além do texto, bem como começa antes mesmo do contato com ele (seja qual tipo ou gênero textual for).

Assim, é imprescindível que o leitor tenha consciência que ele não é um sujeito passivo diante desse processo, que entenda a importância dos contextos sócio-históricos e, principalmente, perceba a existência de diferentes linguagens em um mesmo texto (MARTINS, 2006). O leitor assim, é um sujeito crítico, capaz de compreender as entrelinhas de um texto, de perceber que a leitura do mundo está à frente da leitura da palavra e que esta não existe sem aquela (FREIRE, 1989). Desse modo, não devemos nos privar de ler as margens, a literatura dita não-canônica, dos autores pouco difundidos, pois, nesse sentido, pensamos a leitura como um caminho capaz de provocar o amadurecimento, colocar os sujeitos em contato com valores e vivências sociais a fim de compreender a significação e o sentidos das coisas (BAKHTIN, 2016).

Pensar o letramento literário é, portanto, estimular o desenvolvimento e a formação crítica dos leitores. É no exercício e prática da leitura e da escrita da literatura que o sujeito se torna capaz de discordar da arbitrariedade de inúmeras regras impregnadas pelos discursos padronizados disseminados na sociedade, construindo uma maneira própria de ser sujeito da linguagem, que é sua e de todos (COSSON, 2020).

Diante disso, é pensando assim, a partir de uma concepção interacional dialógica da linguagem que os leitores se colocam como atores sociais, sujeitos ativos que são construídos e se constroem nos textos (KOCH e ELIAS, 2006). Assim, pressupõe a necessidade de um leitor engajado e responsivo que concorda ou discorda dos discursos presentes nos textos, como também recepta a obra literária enquanto espaço de construção de sujeitos (BAKHTIN, 2016). Portanto, pensar o letramento literário é permitir a construção de um leitor crítico e reflexivo capaz de compreender as vozes sociais que circundam os mais variados textos literários, considerando a diversidade de autores, épocas e temas.

Portanto, a próxima seção apresenta os resultados de uma proposta de leitura discursiva do gênero textual poema a partir de textos não canônicos, cuja temática nos

direciona para a expressão de identidades LGBTQIA+ que, na sociedade, ainda são silenciadas ou negligenciadas, pois, não possuem representatividade, bem como são sujeitas ao não direito à voz.

### 3 ANÁLISE DO *CORPUS*

Embora possamos considerar esse um recorte pequeno sobre a diversidade de vozes presentes na obra, a proposta de leitura que apresentamos traz uma abordagem bakhtiniana a partir de corpos sociais negados e, por vezes, rejeitados, por se tratar de corpos não padrão, que escapam à normatização da sexualidade hegemônica.

Diante dessa concepção de linguagem, no campo das possibilidades, a leitura literária se configura como um jogo simbólico aberto à expansão dos horizontes de expectativa dos leitores. A partir disso, essa pesquisa possui como *corpus* os poemas “Ando no tempo da língua de alguém”, de Alessandra Safra, “O ritmo”, de Francisco Bittencourt e “Poema gay”, de Glória Horta, disponíveis em *Poesia gay brasileira: antologia* (2017), de Machado e Moura, os quais serão analisados sob o viés da teoria bakhtiniana.

No primeiro poema a ser analisado, Alessandra Safra nos apresenta um texto cujo tema é o afeto lésbico, um exímio exemplar de duplicidade de sentidos no que diz respeito à natureza erótica, isto é, o movimento lingual se desenvolve enquanto um órgão do corpo físico durante o ato sexual assim como estabelece uma reflexão necessária sobre a linguagem representativa do afeto entre as duas mulheres. Vejamos a seguir:

#### **Ando no tempo da língua de alguém**

branquela  
do chão entrega seu corpo  
meus pés sujos marcam  
sua cara vermelha das palmas fica  
belas costas em verbos  
descalça banhada de cuspe  
nua pervertida suplica  
eu na tua língua  
distante da filosofia  
aos poucos assim  
veneno sai de mim  
e volto a ser  
literatura  
(Machado e Moura, 2017, p. 32).

Diante do texto, podemos inferir que a maneira como é feita a descrição da intimidade entre dois corpos é literalmente embebecida não pelo órgão sexual das mulheres, que sequer está sendo mencionado, mas sim, pela língua que aos deslizar juntamente com as mãos e os pés, representa o enlace amoroso entre dois corpos sociais

subjugados como errantes, corpos lésbicos que representam a partir do seu silenciamento linguagens de um grupo social.

Observamos ainda que não é apenas uma mera descrição da intimidade entre essas mulheres, mas um mapeamento do desejo e do prazer diante de uma experiência desviante, como observamos nos sintagmas “meus pés sujos”, “sua cara vermelha”, “banhada em cuspe” e “nua pervertida”, um verdadeiro gozo erótico da língua que, aos poucos e cautelosamente, explora todos os espaços possíveis do poema-corpo, de modo que desengessa tudo o que a linguagem masculina configurou sobre o feminino enquanto prazer e desejo.

De fato, a maneira como a autora imprime isso revela ao leitor as vozes sociais emergentes do poema, pois, a tensão criada entre as vozes representativas da normatividade e as vozes que reivindicam a quebra dessa norma nos saltam aos olhos de modo que o leitor compreende que essa experiência entre dois corpos silenciados por uma sociedade preconceituosa, reforça a necessidade de libertação do sujeito, no caso, de mulheres lésbicas frente ao medo e à insegurança de estarem expostas a espaços diversos, bem como refrata e ressignifica discursos que outrora foram penetrados por outros, logo, permite que o leitor ressignifique e reforce os espaços ocupados e os discursos proferidos por essas vozes sociais minoritárias.

Outro ponto de observação importante está na maneira como o próprio texto faz um jogo lúdico com a forma como a autora coloca a condição literária do poema, de modo que o leitor percebe que toda a cena é uma construção, a maneira como ela se utiliza dos sintagmas cria no consciente do leitor um espaço de expansão dos horizontes, fazendo com que ele se deleite a partir da cena, mas que, ao final, perceba que tudo não passa do universo literário, como observamos no sintagma “e volto a ser literatura”.

Assim, é pertinente afirmar que, a voz social da sexualidade reprimida, demonizada, apenas consegue imprimir isso no universo da literatura, da ficção, pois, uma vez que essa voz é envolta do medo e da insegurança, ela mais uma vez é silenciada pelos discursos de vozes sociais normatizadoras que impõe, de certo modo, condutas e hábitos a serem seguidos como regras para que se possa conviver em sociedade. Portanto, tratando-se de vozes sociais que se rebelam, a voz social representada pela mulher lésbica quebra com esses paradigmas, dogmas, desmistificando esse processo de banalização desse sujeito, revelando-se enquanto resistência e superação de regras impostas por sociedades heteronormativas.

Por fim, notamos que a autora ao desviar os corpos sociais das mulheres representadas no poema, além de distanciá-las de uma natureza meramente reprodutora, também distancia a linguagem poética do estado de estaque comunicacional, criando a partir do jogo linguístico e literário que apresenta o erótico na poesia e vice-versa. Essa voz hegemônica do patriarcado que coloca a mulher no lugar “sagrado” da reprodução e não a considera enquanto ser desejante cria uma tensão para com vozes sociais não normatizadoras de modo que o leitor consegue observar a presença de um espaço de revolta e insatisfação, uma vez que tensiona esse lugar pré-definido para a mulher pela

sociedade patriarcado. Portanto, o texto nos conduz a essa duplicidade de sentidos ao fazer uso da metalinguagem, buscando representar o eu erótico e o eu poético de modo suave e empoderado.

O texto a seguir, o poema de Francisco Bittencourt, também discute esse jogo metalinguístico a partir do discurso poético que compara o ritmo de dois corpos masculinos em pleno deleite de desejo, prazer e sedução no ato sexual:

### **O ritmo**

O ritmo para ao meio, quer se entregar  
mas muda o tema.  
O cérebro domina a emoção.  
O racional, o porquê domina.  
Isso não é nunca a poesia. A poesia é a poesia.  
Só pode parecer à entrega, a um coito.  
Quando os pelos-verso se tocam há uma descarga elétrica.  
Depois os corpos-poemas, rijos e gementes  
realizam o processo.  
E se abrem os lábios e os lábios.  
O pênis-lápis, animalzinho dócil, que tanto acariciamos,  
incha, e cresce mais.  
Vai explodir o mundo, se puder.  
A boca-palavra segue o jogo impronunciável,  
os dentes querem ser punhais.  
O insaciável pau busca agora o cu-inspiração,  
que desabrocha.  
A cama-papel tem todos os perfumes dos corpos.  
O pênis brinca a sério de forçar o umbigo misterioso.  
É um jogo, deus está em jogo.  
Corpos que murmuram, suam, choram, sangra. Dor?  
É o ritmo. Esse ritmo é o poema sendo fornicado.  
Entre milhões de tentativas uma foda é divina,  
igual ao nascimento de um poema  
(Machado e Moura, 2017, p. 97).

No poema exposto, observamos explicitamente que o autor destaca a duplicidade do texto a partir da construção do poema, sobretudo, a partir das palavras que remetem ao corpo gay correlacionando-as ao próprio poema. Observamos que os sintagmas “pelos-verso”, “corpos-poema”, “pênis-lápis”, “boca-palavra”, “cu-inspiração” e “cama-papel” tecem uma composição artística e estilística chave que nos permite fazer algumas leituras possíveis. De modo que, as vozes sociais representadas a partir dos sintagmas anteriores reforçam a necessidade de liberdade e representatividade de corpos gays, pois, não à toa, o autor utiliza-se desse jogo artístico-estilístico, buscando inferir ressignificações tanto para o corpo masculino gay quanto para a estrutura e escolha das palavras correlacionadas. Assim, percebemos que o ritmo será conduzido por esse jogo metafórico que representa o ato sexual de dois homens enquanto um movimento artístico.

Diante disso, compreendemos que o autor está preocupado com duas composições: primeiramente, ele faz um jogo de palavras durante a composição do poema, buscando acentuar a forma delicada e clara como as palavras se conectam, ritmando para que possamos ler o texto por um segundo viés; nesse caso, falamos aqui do próprio ato sexual entre os dois homens que estão sendo representados no texto. Nesse sentido, podemos perceber que o autor traça um paralelo possível, buscando suavizar o ato sexual entre corpos subjugados desprezíveis e desconexos de uma realidade aceitável em nossa sociedade.

Mesmo buscando suavizar a relação homoafetiva no texto, percebemos que essas vozes sociais são silenciadas poeticamente diante de sua experiência descrita em cada uma das linhas desse poema-foda. É notório que, inspirada pelo que vem do dito chulo ou pornográfico, de baixo, podemos observar a partir dos sintagmas “ritmo”, “rijos e gementes”, “insaciável pau”, “fornicado” e “foda” que a relação entre esses homens soa como algo único e divino em que o “cu” é um objeto de desejo do próprio autor. Afinal, o ritmo desse ato sexual entre homens é a maneira como o poeta esclarece que “o próprio poema” está “sendo fornicado”.

No último texto, o poema de Glória Horta, apesar de intitulado “Poema gay”, apresenta o discurso poético de uma voz social de uma pessoa trans que sofre as marcas sociais como podemos observar em uma representação poética do falo enquanto o pênis ou o clitóris, ou ainda, o órgão embrionário que, sexualmente, não é diferenciado:

### Poema Gay

O falo é um fardo  
o corpo, a farda da farsa,  
e eu sou o grito, o berro, o urro, o erro  
minhalma é uma menina e meu corpo uma  
[mentira  
não sou homem nem mulher  
um ser que sobra e falta e desencontra  
num mundo diferente de todos os mundos,  
o que me conduz é a impossibilidade  
o que me reduz é a incompreensão  
olham-me como se eu fosse um bicho de outra  
[espécie  
e riem e criticam e excluem e odeiam  
como se eu fosse um pecado, um errado, doente ou  
[sacana.  
Pobre de nós,  
mulheres encarceradas em corpo que não é o nosso  
como uma alma penada  
sapato apertado que não nos pertence  
assim eu me sinto cheio de calos,  
sufocado, asfíxiado, apaixonado  
e o espelho me nega

e eu me acho um bicho de outra espécie,  
pecado, errado doente ou sacana.  
Ah, mas às vezes  
eu penso que sou uma mulher enfeitiada  
que teve alterada sua forma  
mas que um dia vai se quebrar o encanto  
e todo esse engano vai acabar  
como se eu tivesse sido sempre uma menina  
[encantada.

Que troca de embalagens foi esta aí dos deuses  
que já me mandaram nascer nesse mundo enjoado  
com desvantagem  
encarnando minha alma em corpo errado  
como se houvesse um corpo de homem sobrando  
e uma alma feminina condenada?  
(Machado e Moura, 2017, p. 108).

Observamos a partir do texto que a apresentação do órgão é dada como um martírio ao ser que está sendo silenciado. A metalinguagem presente nos versos nos remete a uma pessoa transgênero que sofre por não se encaixar nem no seu próprio corpo biológico, muito menos na sociedade que o preconiza enquanto um sujeito errante. Isso é evidenciado logo na primeira estrofe pelos sintagmas “farda da farsa”, “erro” e “meu corpo uma [mentira”.

A autora reforça essa leitura do poema na estrofe seguinte a partir do primeiro verso “não sou homem nem mulher”. De fato, é doloroso perceber que mesmo conhecendo sua situação, o eu lírico é silenciado por uma sociedade que o ignora e o reduz à impossibilidade e incompreensão, comparando-o a um animal de outra espécie. Não obstante, ainda sofre com risos e críticas de exclusão e ódio que o permeiam enquanto um pecado.

Diante disso, observamos o tensionamento de vozes sociais que permeiam todo o texto, as vozes que validam apenas o binarismo enquanto gênero e as vozes que vão de encontro a esse pensamento hegemônico. Esse poema traz muitos elementos linguísticos que dentro dessa discursividade apresentam essa tensão, como observamos a partir dos sintagmas “fardo”, “farsa”, “erro” os quais enfatizam a representação de corpos não-binários enquanto sendo uma “mentira” que, ao se sentirem-se “menina”, refletem-se essas vozes sociais por meio da dor e do sofrimento. Isso é reforçado na estrofe seguinte pelos sintagmas “não sou homem nem mulher” no momento em que a autora explora os corpos humanos indo de encontro com a tensão entre o binário e o não-binário, espaços em que vozes sociais circulam e representam “impossibilidade” e “incompreensão”.

Na estrofe seguinte, observamos que estamos diante de uma mulher transgênero, pois, o sintagma “mulheres encarceradas” deixa claro esse posicionamento da autora que discorre minuciosamente a dor do desprezo social, do silenciamento e julgamento dessa minoria. O grande entrave disso tudo está justamente na conformidade que o eu lírico

apresenta em algumas passagens como, por exemplo, ao mencionar que pensa que é apenas “uma mulher enfeitiada”, com forma alterada, “uma menina [encantada]”.

Por fim, a autora permite que o leitor faça uma reflexão desses corpos negados, dessas vozes silenciadas pela sociedade preconceituosa e que, se quer, esforça-se para compreender as dores e angústias de pessoas trans. É evidente que esse ponto é destacado nos versos finais quando a autora permite que o eu lírico se pergunte sobre o porquê de um encanto em um corpo errado de um homem que sobra e de uma alma de mulher que será condenada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessa proposta, o presente artigo buscou compreender o eixo axiológico que atravessa os poemas “Ando no tempo da língua de alguém”, de Alessandra Safra, “O ritmo”, de Francisco Bittencourt e “Poema gay”, de Glória Horta disponíveis em *Poesia gay brasileira: antologia* (2017), de Machado e Moura, por meio da mobilização das vozes sociais tensionadas nos textos.

As vozes sociais representadas em cada um dos poemas representam axiologicamente cada enunciado, pois, a maneira como a escolha dos sintagmas foi feita por cada autora e autor revela índices de valores sociais que recaem sobre cada uma dessas vozes.

No poema “Ando no tempo da língua de alguém”, a autora se utiliza de vozes sociais inconformadas com a normatividade de sociedades machistas, tentando quebrar os tabus existentes em torno da relação amorosa e sexual entre duas mulheres a partir da metalinguagem. Por sua vez, em “O ritmo”, o autor, ainda nesse caminho, ressignifica o ato sexual entre dois homens a partir de um jogo metafórico entre o corpo masculino e o próprio fazer artístico do poeta, também a partir da metalinguagem, revelando diversos posicionamentos refletidos e refratados discursivamente no poema. Por fim, em “Poema gay”, a autora propõe aos leitores uma ressignificação do sujeito ao mobilizar vozes que tensionam identidades binárias e não-binárias; nele, a discursividade aponta para o universo e os espaços trans onde vozes sociais sofrem com a incompreensão dos seus próprios corpos.

Dessa maneira, ao se utilizar da prática de letramento literário enquanto uma possibilidade de percepção da literariedade do texto como também dos recursos expressivos que são imprimidos pelo uso estético da linguagem, observamos que as tensões criadas pelas vozes sociais representadas em cada um dos poemas representam territórios de disputas de poder em que, frequentemente, discursos hegemônicos são apresentados enquanto soberanos e que devem ser seguidos por todos. Entretanto, por meio do letramento literário que contemple textos não canônicos, essa tensão criada em cada poema nos permite representar rostos, vozes e corpos silenciados de sujeitos invisibilizados.

Assim, é preciso reaver o espaço próprio das vozes sociais aqui destacadas das mãos do masculino patriarcal heteronormativo binário, tratando-o enquanto uma pulsão vital dos sujeitos representados por elas. Uma vez que pensemos assim, estamos amedrontando as masculinidades frágeis e instáveis que tanto subalternizam as identidades lésbicas, gays e trans. Essas vozes, representadas nos poemas, reivindicam espaços a partir de uma autoridade vinculada à identidade sexual e ao gênero enquanto corpos desejantes performados, provocando e confrontando o leitor, o sistema e a visão heteronormativa da sexualidade.

Portanto, as vozes sociais subalternizadas dos poemas surgem como posicionamentos que vão ao encontro da diversidade estética, sexual e política, criando, a cada leitura realizada, tensões a partir dos enunciados refletidos e refratados de encontro às vozes hegemônicas. Isso reforça a necessidade de um letramento literário mais diverso que explore, mas também, extrapole a leitura dos clássicos, que apresente à formação dos leitores temas relacionados às diversas identidades que existem e coexistem na sociedade, ainda que de maneira marginalizada, silenciada ou invisibilizada.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 13-70.
- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 337-358.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vanda Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- CULLER, Jonathan. O que é Literatura e tem ela importância. In: \_\_\_\_\_. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Guardini T. Vasconcelos. [não é mencionada a cidade da editora]: Beca, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Amanda; MOURA, Maria (Org.). *Poesia gay brasileira: antologia*. 1. ed. Belo Horizonte: Machado e São Paulo: Amarelo Grão Editorial, 2017.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e Letramento*. São Paulo: Unesp, 2004.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2014.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2017.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VOLÓCHINOV, V. **(Círculo de Bakhtin) Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.